

Luis Felipe Mattiuzzo, 10, quer ser presidente da Bolsa



Fotos: Karime Xavier/Folhapress

O PRÍNCIPE DA

BOLSA

DANIELLE BRANT
ANDERSON FIGO
DE SÃO PAULO

Assistir a jogos de futebol, fazer lição de casa e brincar com os amigos na escola. A rotina de Luis Felipe Mattiuzzo, 10, se parece com a de qualquer criança de sua idade, com uma exceção: uma vez por mês o menino recebe R\$ 1.000 do pai exclusivamente para comprar ações.

As aplicações começaram há quase três anos, quando o pai, o empresário Gerson Mattiuzzo Júnior, 34, decidiu abrir uma conta em uma corretora no nome de Luis, que desde então carrega a alcunha de investidor mais jovem da Bolsa brasileira.

“Queria ensinar que é preciso gastar menos do que se ganha e investir o que sobra, pensando no futuro. Não se aborda educação financeira na maioria das escolas”, diz Mattiuzzo, que começou a investir em Bolsa aos 17 anos.

A escolha por ações contraria a opção de muitos pais que iniciam uma aplicação para os filhos e que preferem alternativas mais conservadoras, como a poupança. Sobre a caderneta, Luis é categórico: “Nunca tive. Não deveria ser considerada investimento, pois tem perdido para a inflação.”

Como opção conservadora, escolheu um título do governo, o Tesouro IPCA+ 2035, que paga como remuneração juros mais a variação do índice oficial de preços.

O gosto pelo mercado de ações só veio em 2014, quando saiu de Mogi das Cruzes (SP), onde mora, para visitar a sede da BM&FBovespa, na capital paulista. O encantamento de Luis motivou o pai a enviar uma carta ao presidente da Bolsa, Edemir Pinto, solicitando um encontro, que ocorreu em outubro do ano passado.

REI DA BOLSA

O menino também pôde conhecer seu maior ídolo: Luiz Barsi Filho, um dos maiores investidores da Bolsa brasileira, com mais de R\$ 1 bilhão aplicado em ações locais. “É minha inspiração, quero ser como ele um dia.” Assim como Barsi, Luis usa os dividendos — parte do lucro das empresas distribuída entre os acionistas — para comprar novos papéis.

A estratégia de ambos também consiste em somente comprar ações, e não vender, já que o objetivo é ter retorno no longo prazo. “Não olho preço dos ativos. Tem ações que custam menos de R\$ 1 e estão caras e outras custam

Aos 10 anos, investidor **mais jovem** da Bolsa esnoba a poupança e usa **estratégias** de gente grande para **aplicar** no mercado de ações



Gerson Mattiuzzo Júnior, pai de Luis Felipe, incentiva o filho a investir

“**Nunca tive poupança. Não deveria ser considerada investimento, pois tem perdido para a inflação**

LUIS FELIPE MATTIUZZO
Investidor mais jovem da Bolsa

“**Queria ensinar que é preciso gastar menos do que se ganha e investir o que sobra, pensando no futuro. Não se aborda educação financeira na maioria das escolas do Brasil, infelizmente**

GERSON MATTIUZZO
Pai de Luis Felipe

R\$ 40 e estão baratas.”

A avaliação das empresas é técnica: “Vejo lucro, margem, caixa, dívida e dividendos.” Para se informar, pai e filho consultam sites que informam resumidamente o balanço financeiro das companhias e também a variação das ações nos últimos anos.

Luis diz que tem retorno positivo, mas não revela o rendimento de suas aplicações.

A inspiração para investir também vem de seus livros favoritos: “Meu primeiro milhão”, de Charles-Albert Poissant e Christian Godefroy, e “Pai rico, pai pobre”, de Robert Kiyosaki.

O atual cenário de Bolsa em baixa é visto por ele como uma oportunidade para encontrar barganhas no mercado.

As primeiras ações compradas foram as do Banco do Brasil, ainda pelo pai. Hoje, ambos decidem juntos quais papéis serão escolhidos, e é

o próprio menino quem opera o home broker —plataforma de negociação on-line.

A carteira atual de Luis possui ações de nove empresas. Entre elas estão Petrobras, Ambev, Itaú e Cielo. A maior parte do portfólio é composta por papéis da BM&FBovespa.

O menino prefere as ações ordinárias, que dão direito a voto em assembleias que decidem sobre os planos de negócios das companhias.

“Quero um dia ser presidente da Bolsa”, diz. Enquanto isso não acontece, Luis tem planos mais modestos: “Comprar um carro aos 18 anos, ter uma casa confortável e me aposentar cedo, vivendo do rendimento de minhas aplicações.”

F NA INTERNET
Veja entrevista com o “príncipe da Bolsa”
folha.com/no1683918

Supervisão é indispensável, diz especialista

DE SÃO PAULO

Estimular as crianças a investir pode ajudá-las a desenvolver maturidade financeira, mas é preciso ter cautela com o tipo de investimento e evitar alternativas de alto risco, segundo especialistas.

É indispensável a supervisão dos pais ou algum responsável, afirma Oscar Luiz Malvessi, professor de finanças da FGV.

“O risco é inerente. Se os pais não derem limite, as crianças podem fazer bobagem, porque elas gostam de experimentar e o investimento exige racionalidade. Não dá para esperar que a criança tenha reações de um adulto”, diz.

Para a educadora financeira Nathalia Arcuri, a criança aprende com exemplos. “Desde cedo, os pais devem mostrar que os objetos custam dinheiro”, diz. Isso vale também para os brinquedos: “É preciso ensinar que eles não aparecem só por querer.”

Segundo ela, aos sete anos já é possível iniciar uma poupança. Quando acumular recursos, é interessante auxiliar os filhos na escolha de outra aplicação de renda fixa que possibilite rendimento maior, como um CDB [Certificado de Depósito Bancário] ou LCI [Letra de Crédito Imobiliário] e LCA [Letra de Crédito do Agronegócio], isentos de Imposto de Renda.

Os pais precisam colaborar. “Não adianta querer que o filho tenha consciência financeira se os pais brigam porque as contas não fecham.”

Para os pais que consideram a Bolsa uma opção muito avançada, os fundos de ações podem ser uma alternativa para investimento em renda variável.

Na corretora Coinvalores, 150 crianças e adolescentes investem no Fundo Kids. “É uma aplicação programada por boleto todo mês”, diz a gestora de fundos Jussara Pacheco.

Uma opção para crianças entenderem o mercado de ações é o Desafio BM&FBovespa —competição criada em 2006 pela Bolsa com o objetivo de ensinar na prática como funciona o investimento.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O que fazer para ensinar conceitos financeiros, segundo especialistas

Até 4 anos

- > Presentear os filhos apenas em ocasiões especiais
- > Dizer não quando a criança pede algo e não podem dar

De 5 a 7 anos

- > Começar a dar semanadas para que o filho entenda que o dinheiro acaba
- > Estabelecer prioridades para o uso do dinheiro
- > Apresentar o cofrinho

De 8 a 12 anos

- > Ajudar o filho a administrar o dinheiro para atingir uma meta, como fazer uma viagem
- > Ensinar que empréstimos têm de ser pagos em dia